

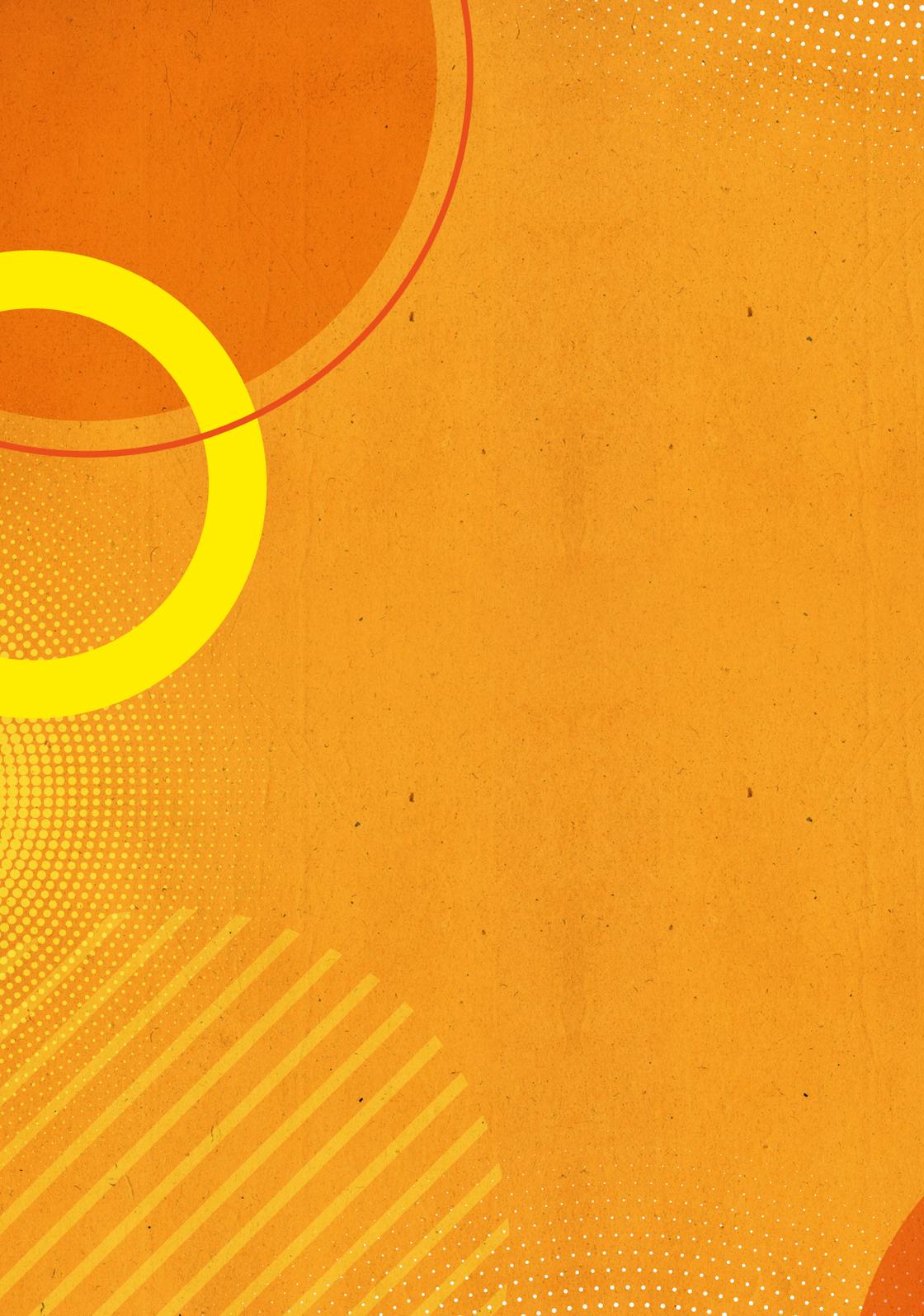
*Diálogo:
A busca por
sentidos e
significados*

Cadernos Pastorais 9

Rede Marista



MARISTA



Rede Marista

Cadernos Pastorais 9

Diálogo: *A busca por* *sentidos e* *significados*

Porto Alegre | Volume 9 | 2021



REDE MARISTA

Província Marista Brasil Sul-Amazônia

Presidente/Provincial: Ir. Inacio Nestor Etges

Vice-Presidente: Ir. Odilmar Fachi

Vice-Provincial: Ir. Onorino Moresco

Coordenação de Pastoral

Emilin Grings Silva

José Jair Ribeiro

Karen Theline Cardoso dos Santos da Silva

Maria Inete Rocha Maia

Renato Estevão Biasi

Coordenação editorial e projeto gráfico:

Assessoria de Comunicação e Representação
Institucional

Diagramação: Pedro Mondini

Revisão: Irany Dias

R314

Rede Marista. Coordenação de Pastoral.

Cadernos Pastorais 2021 – Diálogo: a busca por sentidos e significados. Emilin Grings Silva; José Jair Ribeiro; Karen Theline Cardoso dos Santos da Silva; Maria Inete Rocha Maia; Renato Estevão Biasi. – Porto Alegre: CMC, 2021.

63 p. ; il. color.

ISSN: 2595-7759

1. Diálogo. 2. Esperança. 3. Reavivamento. 4. Rede Marista.
I. Silva, Emilin Grings. II. Ribeiro, José Jair. III. Silva, Karen Theline Cardoso dos Santos. IV. Maia, Maria Inete Rocha. V. Biasi, Renato Estevão. VI. Título.

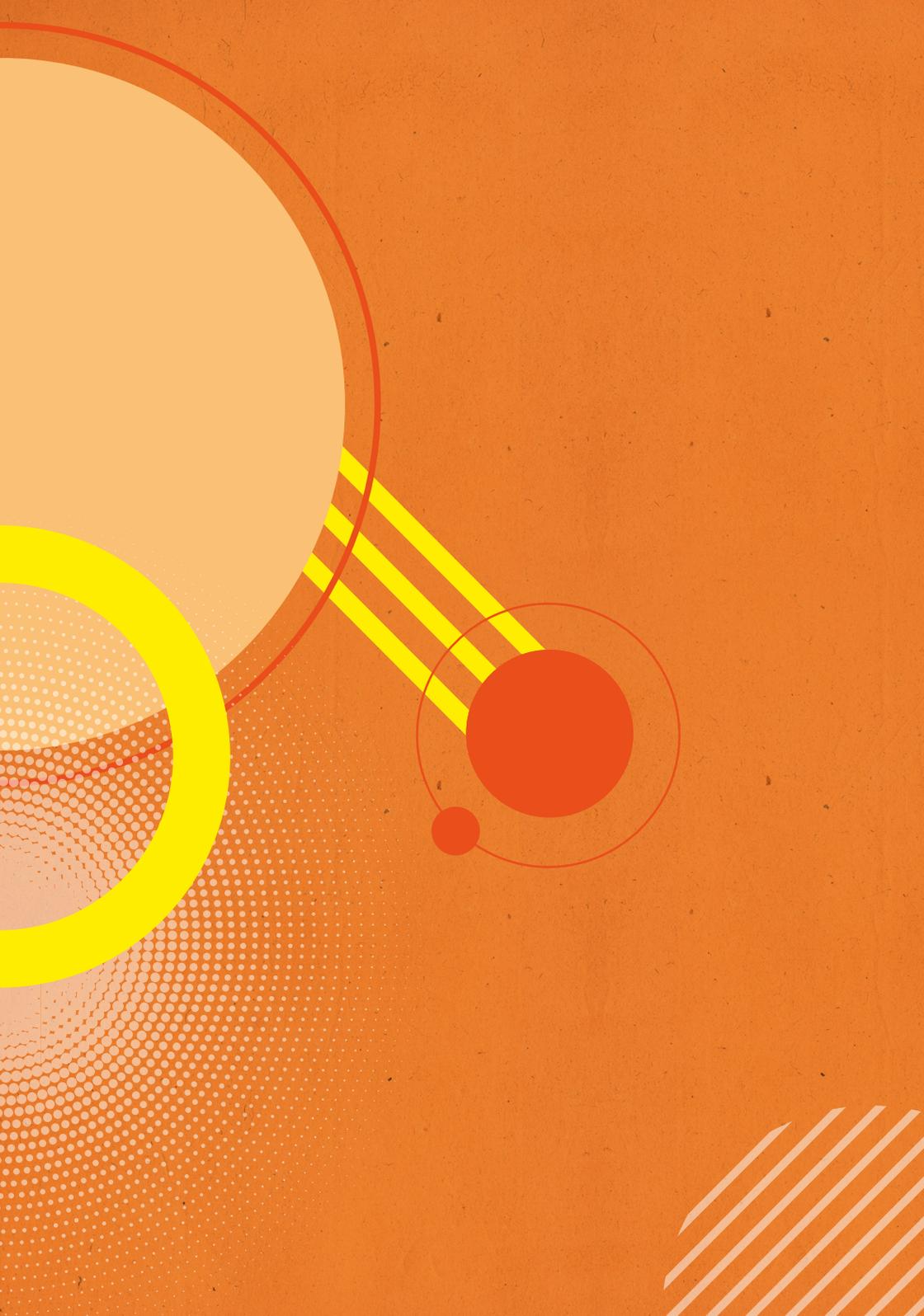
CDD

Apresentação

A expressão popular “é conversando que a gente se entende” faz parte do cotidiano das pessoas e é utilizada com muita frequência, pois o diálogo é um princípio essencial do ser humano e o caminho da construção da vida social e individual. Sem diálogo, pouco se avança enquanto projeto societário. Ele fortalece o entendimento entre as pessoas e entre as nações, é remédio para curar irracionalidades e ajuda a alargar as estreitezias de interpretações. Cada pessoa tem a tarefa de preservar e de promover esse princípio.

Se olharmos com um pouco de atenção para o relacionamento entre as pessoas, vamos identificar que um dos grandes desafios é o fato de não conversarem. Parece que não sabemos mais como falar e, muito menos, como ouvir. Talvez a falta desse exercício seja um dos empecilhos para o diálogo, pois é dialogando que aprendemos a ouvir, conversar e interagir com as outras pessoas. Ao aprender o tempo certo de falar, automaticamente se aprende a ouvir e, assim, temos possibilidade de dialogar mais e de produzir menos monólogos. Nesse sentido, podemos também nos inspirar na Campanha da Fraternidade de 2021 que abordará o tema: “Fraternidade e Diálogo: compromisso de amor” e o lema “Cristo é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade” (Efésios 2,14a). Como afirma o hino da campanha: “venham jovens, idosos e crianças e vivamos o amor-compromisso na partilha, no dom da esperança e na fé que se torna serviço”.

O *Cadernos Pastorais 9 - Diálogo: a busca por sentidos e significados*, quer contribuir nessa discussão, evocando que somos uma instituição inspirada nos princípios de Jesus de Nazaré. Somos uma missão que nasceu do diálogo-encontro que Champagnat teve com um jovem e que hoje segue as orientações do Papa Francisco, que propõe o diálogo enquanto um meio para se vivenciar a cultura do encontro. Que possamos continuar apostando todas as nossas forças no diálogo enquanto o caminho para vivenciarmos nossa missão institucional de tornar Jesus Cristo conhecido e amado.



Sumário

Texto referência	Diálogo: a busca por sentidos e significados	9
Encontro de formação		31
Celebração		43
Dicas		53







Texto referência

Diálogo:

A busca por sentidos e significados

1. Diálogo: um princípio fundamental

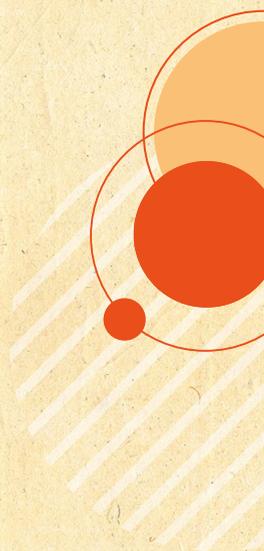
Diálogo, segundo o dicionário Aurélio (2008), é “a fala alternada entre duas ou mais pessoas, [...] troca ou discussão de ideias”. A definição traz o conceito de troca, de gente, de sentido. Isso nos convida a reflexão de que o diálogo requer humanidade, necessita que agucemos nossos sentidos, não somente da fala, mas, principalmente, da escuta. Se não, em

vez de diálogo, temos um monólogo. Para estudiosos/as na área da comunicação, o diálogo é “um espaço comum [...] é o que acontece entre as pessoas: é a atmosfera, a cena, o clima, a situação em que duas, três, cinco, dez pessoas estão relacionadas” (MARCONDES FILHO, 2008, p. 25). Espaço esse em que, segundo o mesmo autor, para além das palavras, há lugar para “sensações, emoções, desejos, interesses, curiosidades, percepções, humores, intuições [...] um sentimento indescritível de ‘coisa comum’” (MARCONDES FILHO, 2008, p. 26).

Somos seres relacionais. Precisamos do/a outro/a para nos constituirmos enquanto sujeitos. Goleman (2011) diz que o cérebro humano foi desenhado para interações sociais, cara a cara, no diálogo efetivo em uma relação de empatia no qual necessita sentir a presença de outra pessoa, no conjunto relacional inconsciente. Isso significa que, a partir de uma conversa, cada pessoa é responsável por moldar os sentimentos daqueles/as com quem se inter relaciona. A responsabilidade contida nas atitudes de cada pessoa é imensurável, quando se compreende que pessoas influenciam e são influenciadas por pensamentos e atitudes alheias, basta haver uma interação verdadeiramente empática que seus pensamentos passam a ser coletivo e não próprios. Tania Singer (2018), Neurocientista Cognitiva do Instituto Max Planck, na Alemanha, diz que existe uma função essencial da sobrevivência humana relacionada à empatia. Ela defende que é possível ensinar o cérebro a ter mais empatia pelo/a próximo/a. Segundo a pesquisadora, quando uma pessoa tem um sentimento empático por

outra, automaticamente o cérebro humano se espelha, imitando, dentro de si, o estado daquele ser. Ela considera que o fundamento para ler emoções nas outras pessoas significa, no nível cerebral, ler essas emoções em si mesmo/a. O treinamento constante dessa área pode revelar os segredos por trás da maneira como nos relacionamos uns/umas com os/as outros/as e os mecanismos da compaixão.

Kahneman (2011) chama a atenção ao demonstrar que existe uma séria diferença entre falar *com* o/a outro/a e *para* o/a outro/a. Esse é um ponto fundamental na sociedade que poucos/as percebem. O diálogo só é possível quando se fala com o/a outro/a, pois é assim que as pessoas crescem, se desenvolvem, interagem, trocam ideias e opiniões. Nesse sentido, quando as pessoas deixam de dialogar e passam a falar para o/a outro/a surge a imposição das palavras e pensamentos. Dessa maneira, não é considerada a realidade de quem ouve, passando adiante seus preconceitos e crenças que estão embutidos nas suas opiniões, sem nem sequer questionar-se, e isso pode fazer toda a diferença. Kahneman também explica que, neurologicamente, quando a pessoa não está conectada, consciente com o momento, as associações da primeira impressão das palavras ouvidas representarão a composição do pensamento. Todo o restante que foi dito é descartado e se toma inconscientemente uma decisão emocional. A partir daí, se ouve e se vê o que quer ver, ou melhor, o que o/a outro/a quer que você veja. O cérebro já antecipou essa decisão a partir da empatia inicial, por isso, no mundo atual, no qual as



peças sobrevivem grande parte da sua vida no automático, elas se tornam alvos facilmente influenciáveis.

Quando se estabelece um diálogo autêntico, empático, a pessoa está, na realidade, promovendo o convívio harmônico. A partir daí, surge o convite a ouvir, a observar e a raciocinar sobre as ideias propostas. Nesse espaço, cada um/a passa a se expor, a pensar, buscar compreender, criar um ponto de vista, empenhando dentro de si a potencialização da sabedoria que só existe no partilhar de uma discussão.

O diálogo precisa ser assumido como compromisso e graça, como uma prática de amor que pensa, avalia e identifica os conflitos gerados pela desigualdade, a indiferença, a polarização e tantas outras atitudes violentas que ferem a diversidade da vida. Se não houver o diálogo, é impossível a mente ultrapassar limites, criar, inovar, ver além do mundo observado apenas pelos olhos, desvanecendo qualquer possibilidade de ir além de outras vicissitudes, tornando-se eloquente perante a vida e as pessoas. O diálogo é a base evolutiva, uma troca siste-



2. Diálogo como reavivamento da esperança

Dialogar faz parte dos princípios constitutivos do ser humano. Seu cultivo pode acontecer em meio a tensões que, muitas vezes, sufocam e o dificultam, levando a um pessimismo em relação ao dialogar. Por outro lado, vivido enquanto princípio, o diálogo permite construir pontes, aproximar mentes, corações, seres que desejam compartilhar, interagir, sonhar e reavivar a esperança de uma humanidade melhor. O diálogo não pode ser visto apenas como um meio, imaginando que no seu fim exista um sucesso, mas como um princípio que precisa ser praticado.

2.1 O não-diálogo

São muitas as situações ao nosso redor que limitam e até impedem que aconteça um diálogo autêntico e empático. Algumas dessas ameaças se encontram no campo das tecnologias de comunicação. Se, por um lado, a internet e, por conseguinte, as redes sociais, se tornaram um recurso de aproximação, encurtamento de distâncias e rapidez nas interações, por outro, podem constituir um campo de proliferação da desinformação, exposição de intolerâncias, agressividades, ofensas, sob o véu da liberdade de expressão, incentivadas muitas



¹ Mais informações sobre o estudo podem ser obtidas em https://www.kaspersky.com.br/about/press-releases/2020_62-dos-brasileiros-nao-sabem-reconhecer-uma-noticia-falsa. Acesso em: 17 ago. 2020.

² O resultado completo da pesquisa podem ser conferido em <https://mindminers.com/blog/data-citizens-a-era-da-dados-privacidade/>. Acesso em: 17 ago. 2020.

³ O Senado Federal elaborou uma espécie de manual com recomendações sobre as fake news. Com base neste manual, a equipe da Assessoria de Comunicação e Marketing dos Colégios e Unidades Sociais da Rede Marista produziu um conteúdo especializado no assunto que dá dicas para evitar o compartilhamento de notícias falsas. Disponível em: <https://colegios.redemarista.org.br/nossas-noticias/fake-news-como-evitar-que-seu-filho-espalhe-boatos>. Acesso em: 17 ago. 2020.

vezes pela sensação do anonimato. Dentre tantas situações dessa natureza, podemos destacar a proliferação das *fake news*, a intolerância e a falta de abertura para opiniões diferentes.

Fake news

Dados de uma pesquisa realizada pela empresa de cibersegurança, Kaspersky, mostram que 62% dos/as brasileiros/as não sabem reconhecer uma notícia falsa¹. O desconhecimento em reconhecer, no entanto, não impede o compartilhamento de informações duvidosas, já que 33% dos/as brasileiros/as ouvidos/as em um levantamento encomendado pela MindMiners, empresa especializada em pesquisas digitais, admitiram que já encaminharam notícias falsas². Muitas vezes, na ânsia de promover e participar de debates sobre temas diversos, acabamos repassando conteúdo sem desconfiar das informações. Atitude que abre espaço para juízos de valor fundamentados em mentiras e fatos distorcidos, prejudicando o diálogo³.

Falta de abertura

A sociedade brasileira vive uma era de pensamentos dualistas. Um período em que as opiniões se divergem em esferas antagônicas e dessemelhantes. Assim, quem defende o lado A acaba se tornando intolerante com quem sustenta os preceitos do lado B. Nesse contexto, o

diálogo dificilmente ocorre, pois ambos os lados apenas querem defender suas opiniões sem abrir espaço para a interação, para a escuta e, principalmente, sem respeitar a opinião do/a outro/a. Nas redes sociais, o debate se torna ainda mais acalorado. Uma vez que os/as interlocutores/as nem sempre se conhecem, parte-se com facilidade para ataques desrespeitosos e até criminosos, fortificando ainda mais as barreiras e muros do ódio.

Intolerância

Se no mundo virtual existem tantas tensões e barreiras que impedem ou limitam uma postura dialógica, no relacionamento pessoal isso também não é diferente. O autoritarismo, a agressividade, os radicalismos, o preconceito e o pensamento único podem levar à intolerância.

Segundo Boff (2006), a intolerância consiste num risco permanente, pois reduz a realidade a polos, defendendo um e negando o outro. Provoca todos/as a terem a mesma atitude e evoca o nascimento do fundamentalismo e do dogmatismo. Ao tornar absoluta uma verdade, estamos condenados/as à intolerância, a não reconhecer e respeitar a verdade do/a outro/a. Não suporta a coexistência das diferenças e das oposições. Suprime o pluralismo e impõe o pensamento único. Com o surgimento do fundamentalismo, o diálogo liquida-se, e a escuta do outro/a se transforma ao uso da força para reprimir e para impor seus caminhos. A consequência imediata dessa atitude é a ruptura da socialidade.



2.2 Diálogo autêntico

Nos relatos bíblicos, Jesus ensina que o diálogo é uma atitude cotidiana, espiritual e prática, apontando elementos essenciais para o desenvolvimento de um diálogo autêntico e fecundo. O diálogo de Jesus com a samaritana, no Evangelho de João (4,7-26), permite identificar elementos de uma pedagogia que promove a vida em plenitude (João 10,10), núcleo do projeto de Deus (o Reino de Deus) e assumido por Ele.

Jesus chegou, então, a uma cidade da Samaria chamada Sicar, perto do campo que Jacó tinha dado ao seu filho José. Aí fica a fonte de Jacó. Cansado da viagem, Jesus sentou-se junto à fonte. Era quase meio-dia. Então chegou uma mulher da Samaria para tirar água. Jesus lhe pediu: "Dê-me

de beber." (Os discípulos tinham ido à cidade para comprar mantimentos).

A samaritana perguntou: "Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou samaritana?" (De fato, os judeus não se dão bem com os samaritanos).

Jesus respondeu: "Se você conhecesse o dom de Deus, e quem lhe está pedindo de beber, você é que lhe pediria. E ele daria a você água viva."

A mulher disse a Jesus: "Senhor, não tens um balde, e o poço é fundo. De onde vais tirar a água viva? Certamente não pretendes ser maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, e do qual ele bebeu junto com seus filhos e animais!"

Jesus respondeu: "Quem bebe desta água vai ter sede de novo. Mas aquele que beber a água que eu vou dar, esse nunca mais terá sede. E a água que eu lhe darei, vai se tornar dentro dele uma fonte de água que jorra para a vida eterna."

A mulher disse a Jesus: "Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise vir aqui para tirar."

Eis algumas atitudes pedagógicas resultantes desse diálogo-encontro⁴:

Jesus aproxima-se: A aproximação de Jesus à mulher samaritana foi uma atitude livre e consciente. Jesus sabia do longo histórico de diferenças, disputas religiosas e conflitos envolvendo judeus/judias e samaritanos/as, a ponto de gerar divisões e alimentar preconceitos e discriminações. Nessa relação, os/as samaritanos/as eram os/as mais vulneráveis e os/as que mais sofriam. Eram

⁴ A expressão diálogo-encontro, tal como está grafada neste documento é utilizada para caracterizar a relação e o vínculo intrínseco que existe entre a atitude do diálogo e a dimensão do encontro. O diálogo necessariamente precisa produzir encontro, que pode também ser traduzido por empatia, sensibilidade, reconhecimento, entre outros aspectos. Da mesma forma, todo encontro precisa acontecer desde uma perspectiva dialógica, no sentido da integração, inclusão, valorização. Um encontro pode contar com muitas pessoas, porém ser realizado sem o princípio do diálogo, assim como um diálogo pode acontecer e não produzir encontro. A expressão que utilizamos aqui deseja traduzir este movimento do diálogo que promove encontro e do encontro que produz diálogo.

considerados “povo impuro” pelos/as judeus/judias. Além desse preconceito compartilhado enquanto povo, tradicionalmente se assume que sobre essa mulher poderia pesar alguma falta ou pecado de cunho moral, algum preconceito também por sua conduta, inclusive da parte do seu próprio povo. Sequer um nome ela tem. O horário escolhido por ela para ir até o poço revela o grau de medo, angústia e sofrimento vividos; ela foi ao meio-dia, horário que possivelmente ninguém estaria junto ao poço, possibilitando tirar a água sem ser importunada. Jesus não só se aproxima, como pede um favor: dê-me de beber. O pedido de Jesus é pedagógico e desperta para o diálogo.



Jesus escuta: A samaritana ficou surpresa com a pergunta de Jesus: um judeu pedindo de beber a uma mulher e ainda por cima samaritana? Apesar desse estranhamento, o pedido de Jesus fez com que ela se sen-

tisse valorizada. Pedir água a alguém tem um aspecto simbólico, de consideração, de simpatia, de empatia. Isso abriu caminho para o diálogo fluir. Permitiu que a mulher expressasse que conhecia o lugar em que estava pisando (poço dado pelo pai Jacó) e conhecia a tradição histórica e religiosa de seu povo. Sobre ela pesava um juízo moral e o preconceito a partir da tradição religiosa, entretanto Jesus identifica nela um ser maior que suas faltas, alguém que desejava a vida em plenitude e que estava à procura do melhor caminho. Esse era o jeito de Jesus no dia a dia. Em muitas passagens dos evangelhos, ele se aproxima e inicia diálogos através de perguntas. A escuta de Jesus é atenta. Ouve com o coração. É isso que faz ele perceber as virtudes, onde muitos/as apenas observam as falhas, pois acabam ficando na escuta e no diálogo superficiais. Mais do que utilizar doutrinas, leis e preceitos, ele escuta com misericórdia e compaixão, promovendo a valorização e a inclusão.

Jesus propõe: O sistema social e religioso em que a mulher samaritana estava inserida não propiciava as condições para uma vida plena. Tornou-se um sistema legalista, ritualista, que estava sedimentando a separação entre judeus/judias e samaritanos/as e o preconceito contra as mulheres e todas as pessoas que não se adequavam aos princípios da tradição religiosa. Diante disso, Jesus propõe uma outra água, uma água viva, que não depende de fonte nem de baldes para alcançá-la. Ele é a fonte da água viva que saciará toda sede. É uma água que tem algumas características: brota da sua própria pessoa, sacia a sede para sempre e se torna, dentro da pessoa, uma “fonte que jorra para a vida eterna”.

Cada pessoa se converterá num manancial de vida.

A samaritana faz a experiência: O jeito como Jesus se aproximou, a forma como falou, ouviu e a convidou para um novo olhar, fez com que ela percebesse nele uma pessoa diferente, alguém em quem poderia confiar. Ele não se deteve em julgar e condenar sua conduta, mas com alegria lhe apresentou uma proposta de vida que permitia perceber e transbordar a vida a partir dela, da sua interioridade, do seu esforço em ser melhor.

Ela se compromete: A experiência do encontro pessoal com Jesus tocou o coração da samaritana, refez a esperança e despertou nela o desejo de caminhar, de contar para as pessoas a alegria que experimentara. A vida e a alegria que dela fluía despertou esperança nas pessoas que encontrava. Já não precisava mais andar escondida sob o peso do preconceito e da discriminação, pois Jesus lhe transmitiu e a ajudou a perceber que de dentro dela era possível fluir uma vida em plenitude, uma água viva. Ela se torna discípula-missionária.

Para estabelecer um diálogo semelhante ao de Jesus com a samaritana, é preciso acreditar no diálogo enquanto princípio e meio, contemplar a realidade, os diferentes estilos de vida e descobrir ali as lutas e o sentido mais profundo da existência de cada pessoa. O encontro de Jesus com a samaritana derrubou muros, superou as barreiras da hostilidade, rompeu com os esquemas de preconceito e revigorou nela a esperança; é um diálogo que aproxima as pessoas e fortalece a aliança entre Deus e seu povo.



2.3 A esperança na atitude dialógica do Papa Francisco

Desde o início de seu pontificado, o Papa Francisco tem surpreendido positivamente com seu jeito humilde, simples e modesto. É uma personalidade que expressa um projeto: um papa humilde, que deseja uma Igreja humilde que se preocupe com os/as humildes. Das muitas características que se podem apontar do jeito e do projeto de Igreja de Francisco, uma que merece destaque é o diálogo; sua compreensão acerca do diálogo e o seu jeito de dialogar. Na *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium (EG)*, a alegria do evangelho, a primeira do seu pontificado, dentre os principais temas de seu projeto de Igreja, encontramos inúmeras referências ao diálogo. Para além de atitude ou meio, o diálogo é visto como princípio e integra o projeto de Igreja do Papa Francisco: uma Igreja em saída (EG 20), em estado permanente de missão (EG 25), encarnada (EG 30), misericordiosa (EG 114).

Na ação evangelizadora dessa Igreja, o diálogo se torna uma atitude permanente. O Papa Francisco é um grande in-

centivador do diálogo social como contribuição para a paz, em que se situam os diálogos ecumênico (EG 244-246), inter-religioso (EG 250-254), intercultural, com as ciências (EG 242-243), com governos e a sociedade envolvendo o campo da política⁵. Uma evangelização com essas bases é capaz de iluminar “novos modos de se relacionar com Deus, com o outros e com o ambiente”, suscitando “valores fundamentais” (EG 74).

O diálogo proposto e testemunhado pelo Papa Francisco é fundamentado no encontro de Jesus com a mulher samaritana, que pratica a fala e a escuta, a valorização e a empatia em vista de suscitar a água viva da paz universal e da justiça social. Torna-se um espaço de troca fraterna e respeitosa, inclusiva e participativa, amistosa, provocativa, que faz caminhar (EG 120). É um diálogo que suscita esperança e que desperta em cada ser humano o desejo de contribuir para a construção da paz. Provoca um efeito contagiante em cada pessoa: o amor suscita mais amor; o ódio suscita mais ódio.

Nessa ótica, o diálogo é muito mais que um meio ou recurso metodológico para alcançar determinados objetivos concretos. Torna-se uma atitude que precisa ser cultivada na interioridade da pessoa e chegar ao nível da espiritualidade; assumindo-o enquanto espiritualidade, enquanto manifestação da fé em Deus. Nesse sentido, Maria se torna o exemplo de quem dialoga ponderando todas as coisas em seu coração (Lucas 2,19). Uma mulher que vive a dinâmica de “justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros” (EG 288). É por isso que o Papa Francisco afirma que a Igreja (e toda a humanidade, para além dos/as católicos/as) “é chamada a ser servidora dum diálogo difícil” (EG 74). É fácil dialogar com quem pensa igual e com

⁵ Para um maior aprofundamento sobre os diálogos sociais apontados pelo Papa Francisco, sugere-se a leitura dos parágrafos 238 a 258 da *Evangelii Gaudium* (EG).

quem se tem vínculos de afeição. Essa atitude com o diferente é sempre um desafio, mas é o caminho para romper barreiras, construir pontes, trilhar o caminho da paz e contribuir na reconstrução do ser humano⁶.

O Papa Francisco tem consciência de que a “cultura do encontro” é uma possibilidade de reconstruir a humanidade, pois se contrapõe à “cultura da exclusão”, do “descartável”, e da “globalização da indiferença”. A base para a cultura do encontro é o diálogo com a sensibilidade e a compaixão de quem “não apenas vê, mas olha; não apenas ouve, mas escuta” (FRANCISCO, 2016). É um exemplo de uma postura centrada no diálogo com todos/as, que se manifesta em seu sorriso, em seus abraços, nas suas falas, em suas atitudes cotidianas que aproximam, convocam, mas também denunciam tudo aquilo que não leva ao encontro.

3. Diálogo: compromisso do ser marista

Como maristas de Champagnat, somos chamados/as a cultivar um diálogo autêntico, capaz de promover encontros, com sensibilidade e empatia. Observando a vida do nosso fundador, encontramos uma pessoa que se pautou no princípio do diálogo-encontro. Como exemplo, recordamos que, em outubro de 1816, Marcelino Champagnat foi chamado, como padre, para atender uma pessoa doente, prestes a morrer. Chegando na casa, encontrou um jovem e, graças a sua abertura, colocou-se na atitude de escuta,

⁶ Os discursos do Papa Francisco nos Encontros Mundiais dos Movimentos Populares (2014, no Vaticano; 2015, na Bolívia; 2016, no Vaticano) evidenciam sua sensibilidade e acolhida às diferenças em vista de se fortalecer “a cultura do encontro, tão diversa da xenofobia, da discriminação e da intolerância, que vemos com muita frequência” (1º Encontro). É isso que “permite realizar o mandamento do amor, não a partir de ideias ou conceito, mas a partir do genuíno encontro de pessoas” (2º Encontro). A cultura do encontro, mediada por um diálogo autêntico, permite leituras da realidade, a identificação dos problemas sociais e a gestação de propostas para garantir a vida em abundância; torna-se um diálogo profético.



de olhar profundo, de busca por compreender até mesmo o que não foi dito.

Não foi lá para julgar ou para analisar uma situação, e sim para se encontrar com “alguém” que, como ele, tinha uma história, uma verdade, uma realidade. Champagnat não olhou o jovem pela ótica do que se supunha que devia ser um jovem de 17 anos nessa época. Ambos se encontraram a partir do que cada um deles era. Sem negar a sua realidade de adulto e clérigo, Marcelino não interpretou esta experiência a partir de si mesmo, mas a partir desse encontro. A necessidade do jovem estava em primeiro lugar; as leis, a serviço do homem, e não o contrário (INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS, 2011, p. 29).

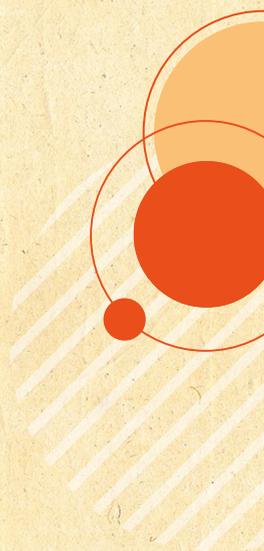
O carisma marista nasce desse diálogo-encontro e foi se constituindo na vivência de Champagnat com os primeiros Irmãos, com as crianças, adolescentes e jovens. Nós, maristas de Champagnat, somos conclamados/as todos os dias a sermos sinais e portadores/as do amor de Deus às crianças, adolescentes e jovens. Somos filhos e filhas de Champagnat que soube acolher, cuidar e “ir ao encontro dos jovens lá onde eles estão” (INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS, 2010, n. 83), criou ambientes propícios para o

encontro, utilizou metodologias que levavam à vivência grupal, provocou para que todos/as estivessem em torno da mesa, pois inspirava-se em Jesus de Nazaré que convocou e formou o grupo de discípulos/as (REDE MARISTA, 2018, p. 61).

Esse jeito de dialogar nos inspira e provoca a ir ao encontro do/a outro/a a partir de sua realidade, de sua história, para um encontro mútuo. Desperta para o compromisso de cultivar encontros capazes de levar em consideração as experiências vividas pelas pessoas (religiosa, econômica, social, cultural,...) na perspectiva evangélico-educativa, sem perder o foco da pessoa e da promoção da vida.

O compromisso com o diálogo-encontro conclama relações de ensino-aprendizagem, não só na educação formal, mas no nosso dia a dia, que precisam ser mediadas pela experiência dialógica. O educador Paulo Freire destaca que o amor é uma necessidade fundamental de todo ser humano, capaz de tornar possível o diálogo numa perspectiva horizontal, por isso coloca-o em primeiro lugar, como componente dialógico imprescindível. Sem amor não é possível o encontro e, por conseguinte, inexistem a comunicação e o diálogo. "A relação dialógica rompe as práticas educacionais e culturais domesticadoras, substituindo-as por um trabalho cultural humanizado. A prática educativa desenvolve-se não pela subordinação, mas por meio do diálogo, da comunicação e solidariedade autêntica entre educador e educando." (FREIRE, 2001, p. 135).

Esta concepção dialógica e de encontro motiva a participar ativamente nos espaços de formulação das políticas sociais inclusivas, de empoderamento das pessoas, que promovam os direitos, a construção de uma sociedade



justa, digna e sem exclusões. Participar desses espaços é contribuir para a construção de políticas sociais que orientam o “desenvolvimento da convivência social, em que as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum” (EG 221).

Para além de pensarmos nos inúmeros espaços e situações de diálogo-encontro que somos chamados/as a participar e a cultivar, necessitamos ter atitudes que transformam cada diálogo em encontro e cada encontro em diálogo, contribuindo para a criação de uma nova cultura a partir de experiências de encontros significativos. Enquanto instituição e agentes da educação evangelizadora marista, posicionamo-nos juntos/as com aqueles/as que propõem, assumem e cultivam o princípio do diálogo, por compreender que nele a esperança se constrói e faz caminhar.

Para refletir:

- Quais são os sinais e características do diálogo-encontro?
- Que situações dificultam um diálogo autêntico?
- Como exercitar o diálogo diante de temas nem sempre consensuais?

Referências

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**: convivência, respeito e tolerância. Vol. II. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 7ª Edição, Curitiba: Editora Positivo, 2008.

FRANCISCO, Papa. **Meditações Matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta**: Por uma cultura do encontro – 13 de setembro de 2016. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html. Acesso em: 18 maio 2020.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: a alegria do evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 31ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**: novas perspectivas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. **Constituições e Estatutos**. Roma: GSC Gráfica, 2010.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. **Evangelizadores entre os jovens**. São Paulo: FTD, 2011.

KAHNEMAN, D. **Rápido e Devagar**: duas formas de pensar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

MARCONDES FILHO, C. **Para entender a comunicação**: Contatos antecipados com a nova teoria. São Paulo: Paulus, 2008.

REDE MARISTA. **Serviço de Pastoral**: identidade, metodologia e compromissos. Políticas Institucionais. Porto Alegre: Odisseia, 2018.

SINGER, Tania. **Como o treinamento em meditação transforma o cérebro, o indivíduo e a sociedade em geral**. Publicado em 2018 e disponível em: <https://lojong.com.br/blog/artigo/como-o-treinamento-em-meditacao-transforma-o-cerebro-o-individuo-e-a-sociedade-em-geral/>. Acesso em: 31 ago. 2020.





Encontro de formação

Público: adolescentes, jovens e adultos/as

Materiais/recursos: fitas coloridas

Momento 1: Acolhida

O diálogo e a capacidade relacional são fatores que fazem parte da constituição do ser humano. Não somos seres independentes e isolados. Necessitamos da troca, da partilha, da convivência, do aprender com o/a outro/a. Neste encontro de formação, queremos cultivar nossa sensibilidade para o diálogo e a cultura do encontro consigo, com Deus, com o/a outro/a.

Dinâmica de acolhida e encontro

1) Dividir os/as participantes em dois grupos e organizá-los de forma que fiquem em dois círculos (*grupo de dentro e grupo de fora*). Orientar para que as pessoas que estiverem no círculo de dentro fiquem de frente para o/a colega do círculo de fora. A cada rodada, o grupo de dentro dá dois passos para a esquerda, trocando assim o/a colega com que fará a partilha. É importante que o grupo compreenda a importância de que sejam diálogos autênticos e escutas atentas.

Abaixo, seguem algumas sugestões que podem orientar o diálogo-encontro das duplas:

- Falar um pouco de si, sua história, como chegou até aqui.
- Um fato significativo na sua vida.
- Uma alegria e uma tristeza.
- O que é mais fácil em uma relação, escutar ou falar?
- Diga a essa pessoa algo que admira nela e, em seguida, ofereça a ela um gesto de carinho (abraço, sorriso, aperto de mãos).

2) Voltar ao grande grupo, formando um único círculo.

Cada participante receberá uma cor – amarela, azul, vermelho, branca, rosa e verde – O/a mediador/a da dinâmica comunica que neste momento iniciará o congresso das cores. (O/a narrador/a da história inicia a contação e no momento que a cor é citada os/as participantes fazem os gestos que são indicados no decorrer da narração).

Narrador/a: Certa vez, o rei convocou todas as cores para um grande congresso.

Rei: Queridos e queridas! Neste dia especial, vocês estão sendo convocados/as para um grande congresso. Venham todos/as, pois neste congresso falaremos sobre a vida, os dons e os talentos que temos. Vamos refletir sobre a maravilha de sermos diferentes e complementares.

Narrador/a: Tendo ouvido o discurso de abertura, todas as cores, com suas características e tonalidades próprias, se acomodaram, enquanto aguardavam ansiosas pelo primeiro conferencista. Eis que o congresso se inicia e as cores começaram a falar:

Amarelo: Viver é saber distribuir apertos de mãos a todos/as que encontramos, pois a discriminação é um grande mal social.

Azul: viver é saber sorrir em qualquer situação. É cultivar bom humor e alegria.

Vermelho: Minhas amigas e meus amigos, o sentido da vida está na esperança que faz abraçar as pessoas, desejando a elas todo o bem com o simples gesto de bem querer, sem hipocrisia, sem formalidades e inimizades.

Branco: sem sombra de dúvida, os olhos são o espelho da alma e o mais importante é olhar o/a outro/a com ternura.

Rosa: viver e dar sentido à vida é ouvir o/a outro/a, por isso quero te dizer baixinho: minha amiga, meu amigo, eu quero escutar você.

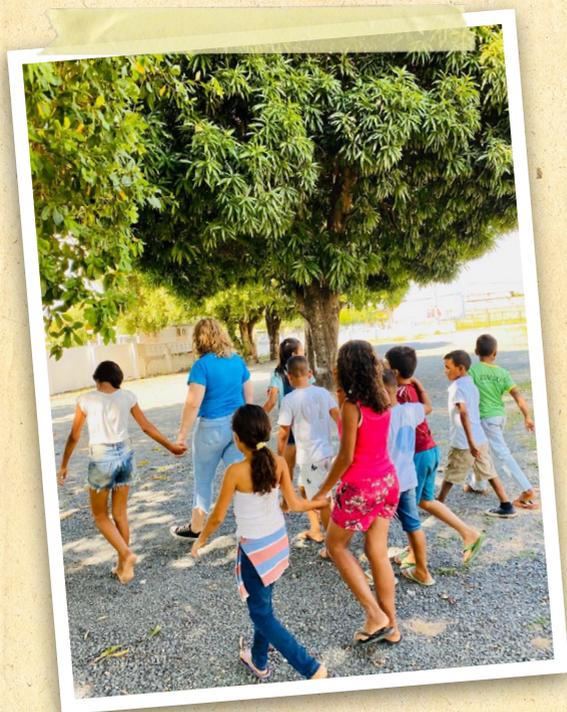
Verde: amigos e amigas, o mais importante da nossa vida e da nossa cultura de hoje é ser amigo, é perdoar, ensinar e exclamar a todo instante, em palavras e em gestos de carinho.

Narrador/a: De repente, um vento forte soprou! Soprou tanto que as cores já estavam perdendo o brilho. Todas morreriam se não tivessem se unido num grande círculo, cores fracas, cores fortes, cores comuns, cores exóticas, cores de todo tipo, unidas para resistirem aquele vento repentino, que logo iria embora (todas se unem).

Então o rei, muito amoroso, em tom solene, aproveita o momento para encerrar o congresso e, pedindo atenção ao público, proclama:

Rei: Amigos e amigas, o aperto de mão, o sorriso, o carinho, tudo isso é muito importante e faz um conjunto de talentos que forma uma linda AQUARELA em nosso reino, porém nenhum de nós seria importante se não soubesse olhar e valorizar a vida, o ser e a cor do/a outro/a. Nossas diferenças nos fazem mais belos, mais belas, nosso conjunto nos torna invencíveis. Sejam felizes, queridas cores, e não se esqueçam, é no conjunto que as cores se tornam belas.

Texto adaptado da Congresso das cores e acessado pelo link <http://educacaoinfantilummundoadescobrir.blogspot.com/2011/03/dinamica-o-rei-e-o-congresso-das-cores.html>



3) Partilhar o que foi significativo na dinâmica, tanto do círculo como no congresso das cores, reforçando a importância e a necessidade que temos de dialogar, de viver encontros significativos onde possamos ouvir e falar, acolher e ser acolhido/a, compreender e ser compreendido/a, amar e ser amado/a e, além disso, recordar a importância de relações dialógicas das quais podemos discordar, mas, ainda assim, respeitar.

Momento 2: Reflexão a partir do texto bíblico

Nos relatos bíblicos, Jesus ensina que o diálogo é uma atitude cotidiana, espiritual e prática, apontando para elementos essenciais, para que esse comportamento seja autêntico e fecundo. O diálogo de Jesus com a samaritana, no Evangelho de João (4,7-26), permite identificar elementos de uma pedagogia que promove a vida em plenitude (João 10,10), núcleo do projeto de Deus (o Reino de Deus) e assumido por Ele.

(Encenar ou narrar o Evangelho de João 4,7-26 – Diálogo de Jesus com a samaritana)

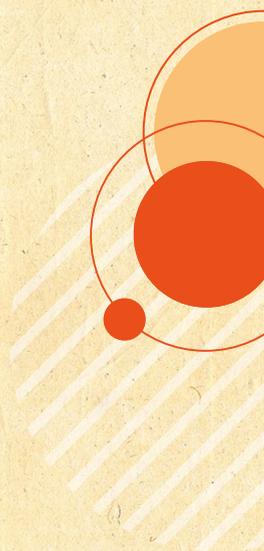
Refletir sobre o texto bíblico:

- Dividir os/as participantes em cinco pequenos grupos.
- Cada grupo receberá um trecho para refletir sobre as atitudes pedagógicas que podemos identificar nesse diálogo-encontro de Jesus com a samaritana:

Grupo 1. Jesus aproxima-se: A aproximação de Jesus à mulher samaritana foi uma atitude livre e consciente. Jesus sabia do longo histórico de diferenças, disputas religiosas e conflitos envolvendo judeus/judias e samaritanos/as, a

ponto de gerar divisões e alimentar preconceitos e discriminações. Nessa relação, os/as samaritanos/as eram os/as mais vulneráveis e os/as que mais sofriam. Eram considerados “povo impuro” pelos/as judeus/judias. Além desse preconceito compartilhado enquanto povo, tradicionalmente se assume que sobre esta mulher poderia pesar alguma falta ou pecado de cunho moral, algum preconceito também por sua conduta, inclusive da parte do seu próprio povo. Sequer um nome tem esta mulher. O horário escolhido pela mulher para ir até o poço revela o grau de medo, angústia e sofrimento vividos por ela; ela foi ao meio-dia, horário que possivelmente ninguém estaria junto ao poço, possibilitando tirar a água sem ser importunada. Jesus não só se aproxima, como pede um favor: dê-me de beber. O pedido de Jesus é pedagógico e desperta para o diálogo.

Grupo 2. Jesus escuta: A samaritana ficou surpresa com a pergunta de Jesus: um judeu pedindo de beber a uma mulher e ainda por cima samaritana? Apesar desse estranhamento, o pedido de Jesus fez ela sentir-se valorizada. Pedir água a alguém tem um aspecto simbólico, de consideração, de simpatia, de empatia. Isso abriu caminho para o diálogo fluir. Permitted que a mulher expressasse que conhecia o lugar em que estava pisando (poço dado pelo pai Jacó) e conhecia a tradição histórica e religiosa de seu povo. Sobre ela pesava um juízo moral e o preconceito a partir da tradição religiosa, mas Jesus identifica nela um ser maior que suas faltas, alguém que desejava a vida em plenitude e que estava à procura do melhor caminho. Esse era o jeito de Jesus no dia a dia. Em muitas passagens dos evangelhos, ele se aproxima e inicia diálogos através de



perguntas. A escuta de Jesus é atenta. Ouve com o coração. É isso que faz ele perceber as virtudes, quando muitos/as apenas observam as falhas, pois acabam ficando na escuta e no diálogo superficiais. Mais do que utilizar doutrinas, leis e preceitos, ele escuta com misericórdia e compaixão, promovendo valorização e inclusão.

Grupo 3. Jesus propõe: O sistema social e religioso no qual a mulher samaritana estava inserida não estava lhe propiciando as condições para uma vida plena. Tornou-se um sistema legalista, ritualista, que estava sedimentando a separação entre judeus/judias e samaritanos/as e o preconceito contra as mulheres e todas as pessoas que não se adequavam aos princípios da tradição religiosa. Diante disso, Jesus propõe uma outra água, uma água viva, que não depende de fonte nem de baldes para alcançá-la. Ele é a fonte da água viva que saciará toda sede. É uma água que tem algumas características: brota da sua própria pessoa, sacia a sede para sempre e se torna, na pessoa, uma “fonte que jorra para a vida eterna”. Cada pessoa se converterá num manancial de vida.

Grupo 4. A samaritana faz a experiência: O jeito como Jesus se aproximou, a forma como foi dialogando, falando, ouvindo, propondo, fez com que ela percebesse nele uma pessoa diferente, alguém em quem poderia confiar, pois não ficou detido em julgar e condenar sua vida, mas com alegria lhe apresentou uma proposta de vida que permitia perceber e transbordar a vida a partir dela, da sua interioridade, do seu esforço em ser melhor.

Grupo 5. Ela se compromete: A experiência do encontro pessoal com Jesus tocou o coração da samaritana, refez a esperança e despertou nela o desejo de caminhar, de contar para as pessoas a alegria que experimentara. A vida e a alegria que dela fluía despertou vida, alegria e esperança nas pessoas que encontrava. Já não precisava mais andar escondida sob o peso do preconceito e da discriminação, pois Jesus lhe transmitiu e a ajudou a perceber que de dentro dela era possível fluir uma vida em plenitude, uma água viva. Ela se torna discípula/missionária.

- Após refletir sobre a atitude pedagógica de Jesus, cada grupo deve dialogar sobre as percepções a respeito da cultura do diálogo-encontro, em contraponto à cultura da “exclusão”, do “descartável”, e da “globalização da indiferença”.

A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: estas são bonitas, mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Habituo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa. (...) Perdemos o sentido da responsabilidade fraterna. (PAPA FRANCISCO. Homilia na missa pelas vítimas dos naufrágios em Lampedusa, Itália, 08.07.2013).

- Inspirados/as na reflexão do Papa, retratar, através da construção de um painel/mural, a globalização da indiferença e apresentar caminhos para uma cultura do encontro. Que conflitos da humanidade poderiam ser evitados a partir do diálogo?

Momento 3: Partilha

- Iniciar o momento com a música Partilhar (Rubel)
- Partilha dos grupos

Momento 4: Encerramento

Para além de pensarmos nos inúmeros espaços e situações de encontro e diálogo a que somos chamados/as a participar e a cultivar, o mais importante é cultivar aquelas atitudes que transformam cada encontro num diálogo e cada diálogo em um encontro. O desafio é fazermos experiências de encontros significativos. Enquanto instituição e agentes da educação marista, nos posicionamos juntos/as com aqueles/as que propõem, assumem e cultivam o princípio do diálogo, por entender que nele a esperança se refaz e faz caminhar.

- Propor uma dança circular, à medida que escutam a música Comunhão da Terra (Márcia Siqueira)







Celebração

Ambiente: Vela, bíblia, panos coloridos, imagens e palavras espalhadas pelo ambiente que possam ajudar a refletir na celebração.

Orientação: Esta proposta de celebração pode ser adaptada para celebração eucarística e/ou momento orante, conforme necessidade da realidade local.

Refrão Orante: Palavras Benditas (livro Cantando, nº376)

Acolhida:

Irmãos e irmãs, pelo diálogo construímos pontes, aproximamos mentes, corações, seres que desejam compartilhar, interagir, sonhar. Nesta celebração, queremos aprender com Jesus o caminho para construir diálogos autênticos que derrubam muros e revigoram a esperança.

Canto: Momento Novo (Livro Cantando, nº4)

Bom dia/Boa tarde/Boa noite, Deus:

O diálogo precisa ser assumido como compromisso e graça, como uma prática de amor que pensa, avalia e identifica os conflitos gerados pela desigualdade, a indiferença, a polarização e tantas outras atitudes violentas que ferem a diversidade da vida. Se não houver o diálogo, é impossível a mente ultrapassar limites, criar, inovar, ver além do mundo observado apenas pelos olhos. Sem diálogo, é impossível promover uma cultura de paz.

Sugestão de convidar um/a jovem, uma criança e/ou um/a colaborador/a para declamar/dramatizar o texto de Padre Zezinho: Bom dia, Deus – a Paz que eu procuro.

Bom dia/Boa tarde/Boa noite, Deus!

Se eu estiver feliz comigo mesmo/a e despreocupado/a com o problema dos/as outros/as, então, não estou em paz. A paz que eu procuro, o mundo não me pode dar. Quando as pessoas falam da paz, quase sempre, entendem como a ausência de conflitos e de guerras, mas poucos, na verdade, entendem a paz como presença de amor, de ternura, de diálogo, de real e verdadeira preocupação pelos/as outros/as, de certeza de que tu estás conosco.

E eu também sou assim, Pai! Falo de paz, mas nem sempre a tenho. Falo de diálogo, mas nem sempre me disponho a ele. Eu também confundo a paz com a ausência de conflitos, ausência de tensões e de crises. Confundo com sossego e conforto pessoal, mas, se a paz que eu pretendo viver no dia de hoje for real e verdadeira, então não vou descansar porque, tendo encontrado a minha resposta, sentirei o desejo de que outros também estejam em paz.

É por me sentir feliz e bem que eu não tenho parado! Tenho buscado tua paz e a dos/as outros/as com sinceridade, mas tenho errado muito e muitas vezes, quando não compreendi que a paz que dou nem sempre é a paz que os/as outros/as procuram. Que meu jeito de falar, de escutar, de dialogar ou de deixar as pessoas em paz, nem sempre é um jeito divino.

Ensina-me, por isso, Pai, a ser, antes de tudo, honesto/a comigo mesmo/a. Honesto/a com quem

procura paz. Honesto/a nas atitudes e palavras, porque a paz nunca é feita de mentira, de fake news, de polarização e de intolerância.

Dá-me, pois, a paz que o mundo não sabe dar. Dirige o meu olhar na direção dos/as pobres e sofredores/as. Dá-me um amor imenso por eles/as, e a vontade de lutar por eles sem ódio algum no coração contra ninguém, nem mesmo contra os seus opressores.

Esta manhã/tarde/noite tira o meu sossego. Enche-me de justiça e dá-me a paz de Jesus Cristo. A paz inquieta de quem busca a alegria e serenidade que diz ter aprendido no diálogo-encontro com Jesus.

Que eu não descanse e nem sossegue. Que eu seja incansável no serviço de cultivar o diálogo e a paz, semeados pelas tuas mãos, Deus.

(Adaptado da mensagem "A paz que eu procuro" – Pe. Zezinho)

Refrão orante: Palavras Benditas (livro Cantando, nº376)



Escuta da Palavra

Nos relatos bíblicos, Jesus ensina que o diálogo é uma atitude cotidiana, espiritual e prática, apontando para elementos essenciais no desenvolvimento de um diálogo autêntico e fecundo. O diálogo de Jesus com a samaritana, no Evangelho de João (Jo 4,7-26), permite identificar elementos de uma pedagogia que promove a vida em plenitude (Jo 10, 10), núcleo do projeto de Deus (o Reino de Deus) e assumido por Ele.

Jesus chegou, então, a uma cidade da Samaria chamada Sicar, perto do campo que Jacó tinha dado ao seu filho José. Aí fica a fonte de Jacó.

Cansado da viagem, Jesus sentou-se junto à fonte. Era quase meio-dia. Então chegou uma mulher da Samaria para tirar água. Jesus lhe pediu: "Dê-me de beber." (Os discípulos tinham ido à cidade para comprar mantimentos).

A samaritana perguntou: "Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou samaritana?" (De fato, os judeus não se dão bem com os samaritanos).

Jesus respondeu: "Se você conhecesse o dom de Deus, e quem lhe está pedindo de beber, você é que lhe pediria. E ele daria a você água viva."

A mulher disse a Jesus: "Senhor, não tens um balde, e o poço é fundo. De onde vais tirar a água viva? Certamente não pretendes ser maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, e do qual ele bebeu junto com seus filhos e animais!"

Jesus respondeu: "Quem bebe desta água vai ter sede de novo. Mas aquele que beber a água que eu vou dar, esse nunca mais terá sede. E a água que eu lhe darei, vai se tornar dentro dele uma fonte de água que jorra para a vida eterna."

A mulher disse a Jesus: "Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise vir aqui para tirar".

Canto: Bendito poço

Partilha da Palavra:

Para estabelecer um diálogo semelhante ao de Jesus com a samaritana, é preciso acreditar nessa proposta enquanto princípio e meio, contemplar a realidade, os diferentes estilos de vida e descobrir, ali, as lutas e o sentido mais profundo da existência de cada pessoa. O diálogo de Jesus com a samaritana derrubou muros, superou as barreiras da hostilidade, rompeu com os esquemas de preconceito e revigorou nela a esperança. É um encontro que aproxima as pessoas e fortalece a aliança entre Deus e seu povo.

- Por alguns instantes, façamos a experiência do diálogo-encontro com Jesus. Dialogue com Ele sobre suas inquietações, tente ouvir e sentir a interação Dele com você. Disponha-se a um diálogo verdadeiro e fecundo. Aproxime-se, escute, proponha, faça a experiência e comprometa-se. (Fundo musical)
- Partilhe com o/a colega do lado, como você tem buscado praticar o valor do diálogo em seu cotidiano.

Preces espontâneas:

- Pode-se propor que as preces sejam fruto do diálogo realizado em duplas. Sugerimos concluir as preces com a Oração da Paz ou com um canto (Certas coisas | Um dia especial | Guaranis | Tocando em frente) ou com um Pai Nosso.



Benção final:

Que Deus abençoe o teu olhar, o teu falar e o teu escutar, para que, também tu, possas te inspirar no diálogo de Jesus com a mulher samaritana, que pratica a fala e a escuta, a valorização, a empatia em vista de suscitar a água viva da paz universal e da justiça social.

Que o teu jeito de dialogar contribua para um diálogo fraterno e respeitoso, inclusivo e participativo, amistoso, provocativo e que faz caminhar.

Que o teu jeito de dialogar suscite esperança e desperte o desejo de contribuir para a construção da paz.

Que te abençoe o Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Amém!

(pode-se motivar o gesto de tocar os olhos, boca, ouvidos...)

Canto: Comunhão da terra (Márcia Siqueira)







Dicas

Fábulas

Livros Músicas

Orações Vídeos

Poemas

Danças circulares

Textos

Filmes

Publicações

Áudios

Num mundo sem diálogo (Padre Zezinho)

Neste áudio, o Padre Zezinho fala sobre a importância do diálogo inter-religioso para a construção de uma sociedade mais fraterna.

Músicas

Partilhar (Rubel com participação de Anavitória)

Cifra

Música

Se for preciso, eu pego um barco, eu remo
Por seis meses, como peixe pra te ver
Tão pra inventar um mar grande o bastante
Que me assuste e que eu desista de você

Se for preciso, eu crio alguma máquina
Mais rápida que a dúvida, mais súbita que a lágrima
Viajo a toda força, e num instante de saudade e dor
Eu chego pra dizer que eu vim te ver

**Eu quero partilhar
Eu quero partilhar
A vida boa com você
Eu quero partilhar
Eu quero partilhar
A vida boa com você**

Que amor tão grande tem que ser vivido a todo instante

A cada hora que eu tô longe, é um desperdício
Eu só tenho 80 anos pela frente
Por favor, me dê uma chance de viver (2x)

Refrão

Se for preciso, eu giro a Terra inteira
Até que o tempo se esqueça de ir pra frente e volte atrás
Milhões de anos, quando todos continentes se encontravam
Pra que eu possa caminhar até você

E eu sei, mulher, não se vive só de peixe, nem se volta
no passado
As minhas palavras valem pouco e as juras não te dizem nada
Mas, se existe alguém que pode resgatar sua fé no mundo, existe nós

Também perdi o meu rumo, até o meu canto ficou mudo
E eu desconfo que esse mundo já não seja tudo aquilo
Mas não importa, a gente inventa a nossa vida
E a vida é boa com você

Refrão





És água viva (Pe. Zezinho)

Cifra

Música

Eu te peço desta água que Tu tens
És água viva, meu Senhor
Tenho sede, tenho fome de amor
E acredito nesta fonte de onde vens

Vem de Deus, está em Deus, também é Deus
E Deus contigo faz um só
Eu, porém, que vim da terra e volto ao pó
Quero viver eternamente ao lado teu

És água viva, és vida nova
E todo dia me batizas outra vez
Me fazes renascer, me fazes reviver
Eu quero a água desta fonte de onde vens

Quem é esse Jesus (Pe. Zezinho)

Música

Quem é esse Jesus
de quem se fala tanto há tanto tempo e tantas coisas
muitos contra e muitos a favor?
Quem é esse Jesus?
Não passa hora, nem minuto, nem segundo sem que
alguém se lembre dele
Sem que o chamem de Senhor

Tamanha é sua luz tão grande a força das palavras que
Ele disse
Em Jesus não há mesmice desde o berço até a cruz
Ninguém disse o que Ele disse, nem do jeito que Ele disse
Quem é esse Jesus?

Quem é esse Jesus,
que andou pelas aldeias semeando mil ideias
e do céu mostrou-se porta-voz?
Quem é esse Jesus?
Que fez os santos, os profetas e os doutores,
converteu mil pecadores
Não deixou ninguém a sós
Tamanha é sua paz tão grande a força dos sinais que
foi deixando
Que prossegue transformando quem se deixa transformar
Com palavras decididas transformou milhões de vidas
Quem é esse Jesus?

Quem é esse Jesus,
que gera controvérsias onde quer que alguém o lembre
muitos contra e muitos a favor?
Quem é esse Jesus?
Por causa dele nova História foi escrita não há vida
mais bonita do que a deste sofredor
Morreu por todos nós, mas foi tão forte o testemunho
dessa vida
Pois a morte foi vencida ao vencer a dor da cruz
Poderoso e mais que forte poderoso até na morte
Quem é esse Jesus?





Iguais (Pe. Zezinho)

Cifra

Música

Tenho irmãos, tenho irmãs aos milhões
Em outras religiões
Pensamos diferente, oramos diferentes
Louvamos diferente

Mas numa coisa nós somos iguais
Buscamos o mesmo Deus
Amamos o mesmo Pai
Queremos o mesmo céu
Choramos os mesmos ais

Tenho irmãos, tenho irmãs aos milhões
Em outras religiões
Falamos diferente, cantamos diferente
Pregamos diferente

Mas numa coisa nós somos iguais
Buscamos o mesmo amor
Queremos a mesma luz
Sofremos a mesma dor
Levamos a mesma cruz

Um dia, talvez, quem sabe, um dia, talvez, quem sabe
Um dia, talvez, quem sabe
Descobriremos que somos iguais
Irmão vai ouvir irmão

E todos se abraçarão
Nos braços do mesmo Deus
Nos ombros do mesmo Pai
Irmão vai ouvir irmão, e todos se abraçarão
Nos braços do mesmo Deus
Nos ombros do mesmo Pai

Se eu quiser falar com Deus (Gilberto Gil)

Cifra

Música

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que ficar a sós
Tenho que apagar a luz
Tenho que calar a voz

Tenho que encontrar a paz
Tenho que folgar os nós
Dos sapatos, da gravata
Dos desejos, dos receios

Tenho que esquecer a data
Tenho que perder a conta
Tenho que ter mãos vazias
Ter a alma e o corpo nus

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que aceitar a dor
Tenho que comer o pão
Que o diabo amassou





Tenho que virar um cão
Tenho que lamber o chão
Dos palácios, dos castelos
Suntuosos do meu sonho

Tenho que me ver tristonho
Tenho que me achar medonho
E apesar de um mal tamanho
Alegrar meu coração

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que me aventurar
Tenho que subir aos céus
Sem cordas pra segurar

Tenho que dizer adeus
Dar as costas, caminhar
Decidido, pela estrada
Que ao findar vai dar em nada
Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Do que eu pensava encontrar

Poema

O constante diálogo (Carlos Drumond de Andrade)

Há tantos diálogos

Diálogo com o ser amado
o semelhante
o diferente
o indiferente
o oposto
o adversário
o surdo-mudo
o possesso
o irracional
o vegetal
o mineral
o inominado

Diálogo consigo mesmo
com a noite
os astros
os mortos
as ideias
o sonho
o passado
o mais que futuro

Escolhe teu diálogo
e
tua melhor palavra
ou
teu melhor silêncio
Mesmo no silêncio e com o silêncio
dialogamos.



Textos

Escutatória (Rubem Alves)

O texto de Rubem Alves aborda a importância da arte de escutar, aspecto fundamental para o estabelecimento de um diálogo autêntico e frutuoso.

Mensagem do Papa Francisco para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais

Francisco conduz sua reflexão sobre o ambiente virtual, suas potencialidades, estrutura e forma de organização. Também recorre à imagem da comunidade que, “como rede solidária, requer a escuta recíproca e o diálogo, baseado no uso responsável da linguagem”.

Por uma cultura do encontro (Papa Francisco)

Em uma de suas meditações matutinas, o Papa Francisco evoca a cultura do encontro usando como exemplo o episódio da viúva de Naim, narrado pelo evangelista Lucas.

Em diálogo pelo bem (Dom Walmor Oliveira de Azevedo)

O texto de Dom Walmor Oliveira de Azevedo aborda que a tarefa de construir o bem comum é preciso do diálogo.

Vídeos

Diálogo | Arnaldo Bassoli | TEDxLaçadorSalon

O vídeo apresenta o que é o diálogo, sua importância e porque é preciso dialogar.

O poder do diálogo | Fernando Guilhon | TEDxMorrodolImperador

O vídeo aborda o poder do diálogo para que seja possível estabelecer relações saudáveis na sociedade.

O que é dialogar? | Felipo Bellini

Neste vídeo, é possível entender como atingir as expectativas de maneira a conseguir gerar um diálogo produtivo para duas ou mais pessoas, evitando assim a conversa perde-ganha, e crescendo sempre mais.



MARISTA